

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Fernando Daniel Azevedo Dias da Silva

**IDENTIDADE CULTURAL E CAOS IDEOLÓGICO: A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO  
PUNK NA CIDADE DE JUIZ DE FORA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Raul Francisco Magalhães

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **FERNANDO DANIEL AZEVEDO DIAS DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201873083-A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **IDENTIDADE CULTURAL E CAOS IDEOLÓGICO: A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PUNK NA CIDADE DE JUIZ DE FORA**, desenvolvido durante o período de 13 de Novembro de 2024 a 10 de Março de 2025 sob a orientação de Raul Francisco Magalhães, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de Março de 2025

---

**Fernando Daniel Azevedo Dias da Silva**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

**OBSERVAÇÃO:** esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado interdisciplinar de Ciências Humanas.

# IDENTIDADE CULTURAL E CAOS IDEOLÓGICO: A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO PUNK NA CIDADE DE JUIZ DE FORA

Fernando Daniel Azevedo Dias da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Durante a década de 70, principalmente entre os Estados Unidos e o Reino Unido, surgia o punk, que muito além de uma vertente do rock, se apresentava como um movimento de contracultura que viria a se tornar um grande marco para muito além da música. No Brasil, não foi o primeiro movimento cultural e social com essas características que tenha sua origem ligada a música, mas em Juiz de Fora, certamente teve um impacto transformador em diversos aspectos.

Esse artigo busca analisar a grande influência musical nos movimentos sociais em Juiz de Fora, dando ênfase ao movimento punk, e trazendo uma aproximação entre as características políticas em torno desse grupo, com as transformações que provocaram na sociedade, e até mesmo na construção da identidade cultural e social dos que fizeram parte, e também da cidade como um todo. Será abordado o conceito de identidade cultural de Stuart Hall, considerando aspectos da cidade de Juiz de Fora que eram antagônicos ao ideal deste grupo, e que foram confrontados por eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fanzine. Movimento Punk. Identidade cultural. Caos ideológico.

## 1. INTRODUÇÃO - ORIGEM DA CIDADE

Após a construção da estrada do Caminho Novo, em 1703, o acesso a partir do Rio de Janeiro e o transporte de ouro extraído das minas foi extremamente facilitado, levando ainda mais relevância e interesse àquela região, justamente em um período que o Ciclo do Ouro se estabelecia e definitivamente dali em diante transformaria tudo e todos, que já existiam, e que ainda iriam surgir naquelas terras. Aquela grande área que se tornaria a cidade de Juiz de Fora, já era contornada pela influência e imposições do período colonial, sobretudo por estar inserida em uma região que passava a receber enorme foco pelo interesse no ouro que era extraído, e a facilidade em transportá-lo, sendo ressaltado nesse ponto o interesse da Coroa Portuguesa em evitar o contrabando e garantir os tributos que indiciam sobre todo o processo de extração. Com a intensificação da circulação de pessoas, e todos os fatores supracitados em relação ao interesse na região, povoados surgiam nas intermediações e a origem da cidade que conhecemos hoje ia progredindo em seus primeiros passos, com forte apoio do império que realizava a distribuição de terras para os nobres, através do sistema de sesmarias. Posteriormente, isso também favoreceu a região em seu destaque no período da produção de café, fortalecendo ainda mais as influências coloniais e imperiais no surgimento da futura sociedade Juiz-Forana. A então vila de Santo Antônio do Paraibuna, se transformaria no grande núcleo urbano da região, sendo esse processo ainda mais intensificado durante a construção da Estrada União Indústria, e todo o ciclo de industrialização que surgiria após a forte imigração, sobretudo alemã, impulsionada e incentivada pelo império. A imigração foi tamanha, que mesmo iniciada no início da década de 1850, em menos de dez anos os imigrantes alemães já representavam cerca de 20% da população total. Com a rápida evolução para a construção da estrada, após sua finalização, os colonos alemães se fixaram na cidade, e se integrando às atividades urbanas. (Ribeiro, 2011).

O forte interesse econômico na região e os processos de industrialização intensificados, levaram a cidade de Juiz de Fora, conhecida assim a partir do ano de 1865, a receber pessoas e interesses diversos, que disseminaram variadas influências na formação da sociedade e do município como um todo, ao longo de diversos períodos distintos, passando pela alta imigração alemã, a forte industrialização, seguindo também pelo conservadorismo católico, dominante desde o século XX. Este cenário recebeu uma grande mudança gerada pela construção da Universidade Federal de Juiz de Fora, durante o governo de Juscelino Kubitschek em 1969. Seu

surgimento possibilitou algo que perdura até os dias de hoje, no grande fluxo de interesse estudantil na cidade, que através de movimentos sociais e de resistência, ensejaram o confronto ao conservadorismo, onde a música e a arte de modo geral, também eram e ainda são instrumentos muito utilizados para as tentativas de ruptura com esse viés.

Importantes movimentos e grupos surgiram durante o final da década de 1960 e início da década de 1970, com grande destaque para o cine-clube, e a Galeria de Arte Celina, que possibilitaram o contato da grande massa jovem que ocupava a cidade com um então novo viés artístico libertador e questionador, que se opunha a tudo que a cidade estava acostumada nesse recorte. O Festival de Música Popular Brasileira de Juiz de Fora teve sua primeira edição em 1968, durante o contexto da ditadura militar em um período onde o Tropicalismo surgia com grande força por todo o Brasil, e já trazia canções de resistência contra o devastador cenário que se construía. Ainda que seja dada a devida importância e força, sua origem e de seus idealizadores, bem como sua proporção, difere de outro movimento social e musical que já tinha força em sua origem na Europa, e seria disseminado no Brasil na década seguinte, o movimento Punk.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [forana@gmx.com](mailto:forana@gmx.com). Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Raul Francisco Magalhães.

## 2. O PUNK E A ARTE COMO INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA

A arte como instrumento questionador e de resistência já tinha sido evidenciada em diversos momentos na história, mas movimentos como o punk nesta análise, aparecem de uma forma menos passiva, e mais ligada ao que pode ser feito além do que pode ser dito, e fomentam uma ligação maior dessa instrumentalização com recortes sociais marginalizados, mesmo que não em sua totalidade, dando voz e amplitude às mazelas que essas camadas sociais enfrentavam tanto nos cenários em comum com as classes média e alta, tendo como exemplo a destruição em diversos aspectos causados pela ditadura militar, vivenciada por todos (ainda que de formas completamente diferentes a depender do contexto social de cada indivíduo), como também em vivências e enfrentamentos exclusivos de cada minoria que não se via representada ou inserida em movimentos questionadores que não conseguiam estabelecer um diálogo concreto com suas necessidades e reivindicações.

A origem musical do punk, embora não haja um consenso, tem sua análise mais aceita como tendo ocorrido a partir de meados da década de 1960, nos Estados Unidos, considerando as transformações que outras vertentes do rock sofreram, e o surgimento de outras novas que também se ramificavam. O movimento hippie, que ganhou força nos períodos pós guerra do Vietnã, trazia algumas dessas vertentes que moldariam o gênero musical punk, já carregando a veia contestadora que estaria presente também na construção do que viria a ser o punk, e de como se formariam suas estruturas políticas (com grande destaque para ideais anarquistas que surgiriam) e sociais, mas aqueles que se identificavam como punks se distanciavam da metodologia de paz que o grupo empregava, surgindo como uma reação a passividade de uma juventude que já sabia o que questionar, mas não sabia como fazê-lo de forma realmente eficaz e concreta.

O mundo vivia ainda constantes mudanças e reestruturações, ainda por impactos remanescentes e escalonados do pós segunda-guerra mundial, e mais à frente, no contexto dos Estados Unidos, no pós guerra do Vietnã. A sociedade se reestruturava em diversos aspectos, e a construção de identidades e novos posicionamentos coletivos de confronto a ideais conservadores, adotando medidas de oposição política, estabelecendo a criação de movimentos de contracultura, através das letras de protesto, da identidade visual construída para chocar, para chamar a atenção e manifestar a intensa busca pela valorização dos direitos humanos, gerando a reverberação intensificada das necessidades de minorias oprimidas e perseguidas, bem como seu empoderamento. Os grupos que se formavam, e que cooptavam adeptos a todo momento, começavam a se espalhar para outros países, como no Reino Unido, a partir da metade da década de 1970, com o surgimento de bandas que promoveriam ainda mais a abrangência da identidade e do movimento punk, com grande destaque para a banda Sex Pistols, que rapidamente ganhava não só os britânicos como também seguidores ao redor de várias partes do mundo, trazendo ainda mais destaque para o aspecto visual do movimento, e em cada uma dessas partes, novas construções sociais se formavam, com suas especificidades, mas também aglutinando toda sua base ideológica e artística.

## 2.1. “DO IT YOURSELF”

A identidade punk era ligada a um conceito de “Do it yourself”, que consistia em entender que, sem o apoio do “mainstream” musical, e da mídia que ainda era majoritariamente conservadora, jamais o estilo conseguiria ter espaço para que suas mensagens fossem transmitidas, a não ser que sempre tivessem consciência de que seriam os exclusivos responsáveis por fazer acontecer tudo que precisavam que acontecesse, e com isso, ainda neste período no Reino Unido, surgiam os Fanzines. Perfeitas representações da ideia de “Faça você mesmo”, os Fanzines foram a criação de mídias independentes que colocariam em evidência tudo aquilo que o punk acreditava, falava, tocava, cantava e pensava, buscando unir e expandir cada vez mais um grupo que, apesar de possuir uma base solidificada e que moldou inúmeros conceitos do movimento, cada vez mais encontrava formas diferentes de se expressar, e com isso flexibilizava-se ao longo do tempo, do convívio, das diferentes interações e contextos aos quais estavam inseridos.

## 3. CAOS IDEOLÓGICO

Essa fluidez poderia ter aspectos positivos, como encontramos na obra de Janice Caiafa (1985), antropóloga, professora e poetiza brasileira, que descreve o conceito de “caos ideológico”:

“O caos ideológico não é produto de nenhum equívoco, trata-se de uma estratégia positiva porque por meio dela o grupo produz efeitos de interferência, expressa uma atitude e atualiza um estilo de oposição (ao “sistema” ou, poderíamos dizer, as instâncias magistras, de toda forma ao que vigora nas situações em que interferem porque produzem desconcerto e impõem uma diferença em geral insuportável). Por isso máquina de guerra minoritária, pela atuação positiva de produzir acontecimentos a partir da destruição” (Caiafa, 1985, p 05).

A autora expõe dessa forma que esse caos ideológico, poderia gerar um impacto positivo em um aspecto da própria base ideológica do movimento punk, de combater o “sistema”, fazendo-o seja onde for, contra qualquer forma pela qual ele se imponha, ou por quais meios se estabelece. O “status quo” se consolida de formas diferentes, e os punks se organizam de maneiras diferentes, dada a contextualização social de cada grupo. Uma oposição precisa se atualizar, precisa encontrar novos meios de ação e encontrar respostas efetivas em seus respectivos cenários. Um forte exemplo é mencionado pela antropóloga ao conceituar o caos ideológico, trazendo uma análise a respeito do surgimento do punk na cidade do Rio de Janeiro, que no início da década de 80, possuía no grupo dos skatista futuros adeptos do movimento punk, com seus integrantes gradativamente evidenciando as influências que que recebiam a partir da disseminação do novo gênero, desde as influências musicais, até as influências de expressão artística de modo geral, como a utilização de roupas pretas, acessórios brilhantes prateados, penteados e roupas que aos olhos de uma sociedade conservadora, causavam justamente aquilo que buscavam, o choque, a transgressão ao comum. Dessa forma, a comunidade do skate se transformava mesmo que sem romper completamente com sua forma organizacional, paralelamente ao que o punk construía resgatando a veia política do rock, que ao redor do mundo vinha sendo impactado com muitas bandas aderindo ao que era exigido comercialmente pela indústria musical:

“Assim, em seu percurso, o rock é quase sem origem, ele funciona mais como um hino mesmo dos jovens, música do planeta Terra. Com isso o rock tem, de princípio, uma função política: ao impor essa estranheza em qualquer lugar. Em vários momentos de sua passagem, contudo, uma situação de comércio e capitalização diluiu essa potência, banalizando-o, fazendo dele mera mercadoria vendável, moda, onda. E o punk que resgata a força política do rock ao fazer (imediatamente, diretamente) um instrumento de intervenção — na forma da música, nas letras, na atitude” (Caiafa, 1985, p.11).

Padrão de como sempre ocorreu ao longo da história, algo que surgia no Rio de Janeiro não demoraria a expandir suas ramificações para a cidade mineira, e em relação ao punk, não foi diferente. No final da década de 1970, e início de 1980, as ruas de Juiz de Fora já abrigavam diversos jovens carregados pela onda punk que se espalhava por todo canto, e em um período onde a cidade estava repleta de estudantes, muitos com seu posicionamento contrário ao conservadorismo que ainda pulsava em suas estruturas sociais. A cidade havia ficado

conhecida como um ponto de partida para a deposição de João Goulart, durante o golpe militar de 1964, mas estudos e análises conduzidos pela Comissão Municipal da Verdade (2012), demonstram que os processos que ocorreram aqui não foram diferentes de mobilizações que ocorreram em outras cidades e regiões, com relatórios que exibem números relevantes e expressivos, em que 151 pessoas tiveram seus direitos violados no período, onde 63 sofreram algum tipo de tortura. Militares que se recusaram a participar do golpe de Estado também foram punidos. É relevante também o fato de que a cidade foi reconhecida pela Comissão da Verdade em Brasília, como uma das primeiras a criar de fato uma comissão da verdade. Assim, ainda que Juiz de Fora tenha sido ponto de partida para a tomada de poder, também foi ponto de partida para a exposição das condutas de tortura impostas pelo regime, sendo pioneira em denunciar essas práticas.

### 3.1. O CAOS IDEOLÓGICO E A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Levando em consideração que analisar uma cidade requer entender que ela passa por um processo de reestruturação constante, seja no aspecto urbano, político ou mesmo em sua organização social, nos permite também trazer a esta reflexão o que disse Caiafa (1985), a respeito do caos ideológico, onde toda estrutura está sofrendo impactos significativos de tudo que se constrói, pensa, fala e se exhibe dentro do espaço organizacional ocupado pelos juiz-foranos.

Podemos somar a isso, o conceito de identidade pós moderna, abordado pelo sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932), que analisa em sua obra “A identidade cultural na pós modernidade”, lançada em 1992, as diferenças entre o sujeito do Iluminismo, centrado e unificado essencialmente em si mesmo ao longo do tempo, o sujeito sociológico, que tem sua identidade atrelada ao que vive, onde vive e como vive, e por fim, nos dias atuais, o sujeito pós moderno, que não possui identidade fixa ou atrelada à sua essência, e sim tem ela diretamente ligada ao mesmo processo que a cidade também enfrenta, do caos ideológico, das constantes auto-exposições ao contraditório, ao que se transforma e se constrói e reconstrói ao seu redor. Ainda que em sua obra o autor relacione esse conceito ao que acredita e demonstra ser um caminho sem volta para uma crise de identidade, é notável que dentro desta análise com a intensificação do movimento punk na cidade, muita coisa mudava e era discutida.

## 4. AOS BERROS MINEIROS

A dita Manchester Mineira já abrigava, sobretudo numa esquina da rua Espírito Santo, no bar Redentor, mas também em diversas de suas ruas, grupos de jovens punks que se reuniam periodicamente, onde alguns deles fizeram parte do documentário “Aos Berros”, publicado por Davi Ferreira, com sua produção iniciada em 2008, e lançamento realizado em 2011. A obra apresenta alguns personagens que relatam como se aproximavam, se organizavam e se rebelavam contra o conservadorismo e as opressões políticas ainda sofridas no período final da ditadura militar. Virgínia Loures, jornalista entrevistada no documentário, relata que a falta de identificação com o que era mais escutado e exibido em todos os meios de comunicação, contribuiu para sua proximidade com o punk:

*“...a gente estava de saco cheio naquele momento. A gente não se identificava com o movimento hippie, progressivo, MPB, então não havia uma ligação nossa com o que tava acontecendo nesse mainstream da música” (Aos Berros, 2011).*

Outra entrevistada, a especialista em moda e arte Erica Senra, por outro lado, ressalta que o movimento punk ia muito além de sua origem musical, e tinha uma forte aliada que havia surgido nos arcabouços da contra cultura, mas que havia também atingido o mainstream citado como objeto de oposição por Virgínia, que ajudou a evidenciar ao redor do mundo a estética do movimento como um todo, evidenciando mais um de diversos aspectos que a compõem:

*“... foi um movimento de som, e de moda. Porque o Malcon Mclarem, que era o empresário dos Sex Pistols, tinha uma boutique também...” (Aos Berros, 2011).*

Malcon havia levado os Sex Pistols ao mainstream e transformou toda estética punk também em um produto de sua expansão midiática, e não foi diferente na cidade mineira, onde também era ressaltado por Virgínia que a ligação também se dava no que acreditava politicamente, que era oposto ao que encontrava na época:

*“Eu me sintonizei com aquilo. Com aquelas ideias, né, aquelas ideias anarquistas, com as roupas(...) Era um choque pra cidade. Juiz de Fora era uma cidade pacata, uma cidade mineira, que apesar de estar perto do Rio, é muito conservadora...” (Aos Berros, 2011).*

Como destacado por quem de fato vivenciou toda essa transformação, o contato da cidade conservadora com a juventude transformadora e questionadora, gerava a mesma ruptura ideológica presente no caos citado por Caiafa, e nas concepções de sujeito pós-moderno de Hall, e eram afetados mutuamente, ao passo em que novos adeptos do movimento punk surgiam, e velhos conhecidos se chocavam com o que passavam a encontrar.

A ruptura do jovem com o conservadorismo não se explica somente através de uma conceituação de identidade pós moderna, levando em consideração que a intervenção militar já era objeto principal de oposição por parte de qualquer juventude anarquista ou militante, mas é sólido o entendimento de que o punk também atingia seu objetivo de aspecto estético de forma contundente, algo inimaginável em uma sociedade que dificilmente tolerava o novo. Um dos grandes expoentes da cena punk na época, Renato Resende “O rato”, importante músico de bandas Juiz-foranas como “Força Desarmada” e “I.D.R”, demonstra essa percepção:

*“...mas agressivo num sentido acho que de chamar atenção, um lance assim né cara, não chegava a agredir fisicamente ninguém(...) isso daí apavorava, o pessoal tinha preconceito por que é novo, tudo que é novo, dá medo, pra quem quer conservar sempre o velho” (Aos Berros, 2011).*

Mesmo em um movimento tão harmônico em seus ideais de base, outro relato na produção indica que nem todos se reuniam nos mesmos grupos. A artista plástica Fernanda Tabet expõe que uma parte dos integrantes era cobrada por não se integrar de forma ampla ao que buscava o movimento:

*“...eles gostavam, mas vamos dizer assim que eles não assumiam muito que eram punks(...) dentro mesmo do movimento já tinha esse racha, justamente por causa disso, por que a gente queria mais postura deles, né, atitude...” (Aos Berros, 2011).*

Essa cobrança evidencia também a complexidade em relação ao sujeito pós moderno, que mesmo em uma organização que se caracteriza por ser uma comunidade centrada em objetivos coletivos, também pode se encontrar afastado em alguns aspectos daquilo que vivencia todos os dias, como acontece não só nesse exemplo, mas também em qualquer situação onde consideramos esse indivíduo como um ser incessantemente influenciável e readaptável.

Retomando a ideia da frase “Do it Yourself”, transformada em um lema atrelado a conduta dos integrantes do movimento punk, o músico Eduardo Barbosa, ex integrante da banda Força Desarmada, pioneira em Juiz de Fora, exemplifica perfeitamente como esse conceito era realmente aplicado no cotidiano do grupo, além de citar suas influências da época:

*“Baseado nesses sons que a gente ouvia do Rio de Janeiro e de São Paulo, era um estilo de som que não precisava também de muita técnica pra você executar...” (Aos Berros, 2011).*

Ele complementa, ilustrando a necessidade do grupo em se auto-sustentar em todos os aspectos:

*“Os instrumentos eram, quase que impossível a gente formar banda se não fosse a capacidade da gente executar e construir os próprios instrumentos, por que ninguém na época tinha dinheiro pra comprar...” (Aos Berros, 2011).*

Outra fundamental figura no desenvolvimento da cena punk na cidade, o produtor cultural Marcos Petrillo traz a tona o que o fez considerar o punk como algo necessário para a época, para que as pessoas tomassem conhecimento do novo que surgia, e trouxe o festival de rock de Juiz de Fora para dentro da história do movimento punk na cidade, além de o caminho inverso de levar uma banda punk até o festival:

*“A coisa principal que tava acontecendo no rock no momento era o punk-rock, e eu achava que não tinha função fazer um festival se não tivesse os punks também” (Aos Berros, 2011).*

Ele ainda conclui:

*“Eu achava que aquilo ali seria um complemento, seria assim, os novos filhos do rock, os filhos renegados do rock (...) por que ninguém gostava muito de punk, punk era anarquista, bagunceira, fazia muita coisa errada, à vista das pessoas, dos comportados” (Aos Berros, 2011).*

Esse interesse em alçar ao público, incluindo e sobretudo aqueles que certamente se incomodariam com o que estava sendo visto, um gênero musical repleto de berros de insatisfação, deboches escancarados acerca de comportamentos que essas pessoas tão distantes do recorte contestador do punk reproduziam, e que ainda se vestiam para afrontar, causou enorme impacto tanto para a consolidação do gênero entre a juventude presente no festival e na cidade como um todo, como também na efetiva tentativa de reação por parte daqueles que se sentiam atingidos essencialmente com a existência daquele grupo, não só pela sua música e suas letras. Virgínia Loures também traz as primeiras cenas de revolta direta contra o caos que uma multidão de punks teriam causado no festival de rock em Juiz de Fora, onde a banda Força Desarmada recebeu sua grande oportunidade, e, como relatado nos fanzines da época, solidificou-se como uma grande referência para tudo que surgiria do punk em sequência na região. Esse caos era atribuído ao comportamento autêntico e extravagante em vários sentidos, do grupo que via no festival sua chance de realmente enxergar sua cultura sendo disseminada e jogada de encontro também aos seus opositos, e as reações pós-festival não poderiam ter sido outras que não fossem as de atribuir tudo que havia saído do planejado no festival, à catarse punk que acontecia:

*“...aquilo deu pano pra manga, deu muito o que falar, no dia seguinte, toda a culpa foi dos punks, tudo que aconteceu de errado no festival, a grama que estragou, alguma coisa que quebrou, o banheiro que não funcionou, foram os punks, a gente ficou de bode expiatório de todos os problemas que ocorreram” (Aos Berros, 2011).*

Petrillo ainda destaca um efeito imediato causado pelo festival, que também foi diretamente atribuído ao comportamento dos novos inimigos da sociedade tradicional:

*“... queimou muita grama, a grama ficou muito danificada, e o Sport não segurou essa onda, nem podia segurar(...) deu um problema sério, porque o presidente do Sport, senhor Caputo, foi demitido, teve que ir embora, não aguentou a pressão da cidade e de todos os associados...” (Aos Berros, 2011).*

Ele relata que as fogueiras que deram origem ao dano causado ao gramado, aconteciam por toda a extensão do campo, com focos não apenas em rodinhas com os punks, e sim por todos os presentes no festival, principalmente para evitarem o clima frio daquela noite de agosto. Durante muito tempo, nenhum outro espaço dessa magnitude foi dado a nenhuma banda punk, e outro icônico nome da época, Aécio Silva, deixa claro que o punk não era violento, apenas demonstrava a violência que assolava a sociedade através da sua música, suas letras, suas roupas, mas que a mídia assim os vestia para os olhos de todos. Relatos atribuíam diversas situações negativas que ocorriam na população, à presença dos punks, que se intensificara após o festival na cidade, mas Aécio também ressalta que o que aconteceu também havia gerado um impacto positivo, identificando o aumento do movimento na cidade após aquele evento, incluindo o fato de que o punk estava surgindo também no subúrbio, e até mesmo dando destaque a como o punk estava em evidência até mesmo em alguns jornais, que, mesmo também tendo exemplos onde as publicações geravam alguma relação negativa com o movimento, também haviam as publicações que não escondiam a força que o gênero demonstrava.

#### **4.1. O DCE**

Surgia um templo sagrado para o movimento, que dava lugar a inúmeros eventos, quase que diários, que abrigavam não só os punks, como diversos outros grupos marginalizados que não encontravam espaço em outros ambientes da cidade. O bar DCE, na esquina da rua Floriano Peixoto com Avenida Getúlio Vargas, realizava ensaios abertos, funcionava como um bar, com palco e portas abertas para quem quisesse se apresentar, ou

apenas participar de todo o imprevisível que poderia acontecer ali. Encontros focados em debates anarquistas, e sobre as concepções desse campo, eram realizados, e expandiam esses ideais entre os frequentadores, aproximando aqueles que estavam ali pela música, pelo estilo, e aqueles que realmente atrelavam todo o conceito de ser punk a essa ideologia, onde esses integrantes que possuíam uma atuação mais politizada buscavam se colocar como uma factual oposição ao regime militar que estava em seus últimos momentos, resultando na visão de que não somente os ditos comunistas poderiam se opor a essa realidade. As reuniões anarquistas se juntaram aos encontros musicais do punk, e muito desse comportamento e visão política e de mundo se tornou ainda mais abrangente nesse meio.

## **4.2. O NEW WAVE E NOVAS MUDANÇAS**

Houve ainda, já no que caminhava para ser o período final da forte onda punk, um segundo festival, também com organização de Petrillo, que teve suas imagens utilizadas no filme “Rock Estrela”, de 1986, e teve sua estruturação mais profissional e organizada, e trazia em seu cardápio musical o que era chamado de “New Wave”, a “Nova Onda” do rock, que já era um rock menos comprometido com o que o punk buscava causar e disseminar. A recepção da grande parcela do público, dessa vez, não foi a mesma da primeira versão da festa, e retaliações contra os músicos no palco marcaram a apresentação da banda “Inimigos do Ritmo” (I.D.R), que abriu o festival, e como relata Renato Resende, o Rato, a banda não teve suporte técnico para sua apresentação, que foi prejudicada na qualidade do som e sua equalização, além do fato da banda ter uma organização profissional muito diferente das outras bandas já consolidadas que faziam parte da grade. Muitas frutas, pedras e objetos foram jogados, provocando a reação imediata de Renato, que bradou que a banda não estava ali para agradar ninguém, e mesmo assim a banda terminou sua apresentação, cumprindo seu objetivo de protestar. Em seguida, o DCE modernizava sua estrutura e o planejamentos dos eventos, adotando uma característica definitiva de bar, funcionando como um espaço cultural que passava a ser visto pelos punks como um lugar careta, e que nada tinha a ver com a proposta essencial do movimento, levando-o, entre outros fatores, a perder gradativamente sua força na cidade, sendo que o mesmo também acontecia em outros lugares que vivenciaram seu período de franca ascensão, sem que o legado fosse totalmente perdido, com muito do que foi construído nesse recorte sendo eternizado através das influências que sempre deixam marcas em movimentos sociais como esse, onde muitos de seus conceitos estéticos, por exemplo, que outrora eram vistos como algo completamente alheio ao que deveria ser usado, passaram a estar relacionados a referenciais positivos de moda, e deram origem a diversas novas concepções.

## **5. DE JUIZ DE FORA, POR JUIZ DE FORA, E PARA JUIZ DE FORA**

Podemos inferir com esta análise que a compreensão de como uma cidade foi construída, para muito além dos aspectos físicos dessa construção, precisa estar diretamente relacionada ao que foi criado por ela, para ela ou não, e dentro dela, evidenciando que assim como os indivíduos que a habitam, também estará perpetuamente enfrentando cenários de resignificação e rupturas, e os movimentos sociais são definitivamente fundamentais nesse aspecto. A música e a arte aparecem como portas escancaradas para que tudo que é organizado dentro desses movimentos seja exposto e possa cumprir seu papel transformador, quaisquer que sejam essas transformações e os efeitos causais advindos delas. O punk, assim como Antônio Bivar (1982) declarava, encontrou seu primeiros embriões e raízes em outros movimentos que já haviam buscado questionar a existência como um todo, e padrões e normas estabelecidas, mas o fez de uma forma muito mais contundente e de real força até mesmo física em algumas nuances, mas sobretudo intelectual, social e política, suscitando semelhanças quanto a busca por um sentido igualitário para a convivência democrática humana, mas também deixando claras as ações definitivas que precisavam acontecer para que esses objetivos fossem alcançados. A passividade da juventude que idealizava as mudanças, deu lugar a contundência de uma cultura que desde sua origem conseguiu saltar aos olhos de todos aqueles que se aproximaram, por vontade própria ou não.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da história, a música sempre encontra seu espaço para conduzir os anseios daqueles que recorrem a ela, e nos dias de hoje podemos enxergar em outros estilos musicais, com destaque aos periféricos, essa mesma aproximação com o caráter social e político que a arte em essência representa, e certamente temos em movimentos como o hip hop, rap e funk, alguns exemplos de movimentos que abrangem essas características

em sua expansão na sociedade, e Juiz de Fora frequentemente abre espaços para que eventos com essas diretrizes possam acontecer e garantir volume e alcance para novas ideias, demandas e revoluções por parte de camadas frequentemente deixadas de lado pela sociedade normativa. Movimentos como Makoo Bloco e Coletivo Descolônia, promovem através da arte essa conexão com os indivíduos que sem ela poderiam não experimentar sua própria capacidade transformadora para si mesmos, e para todos ao seu redor. Grupos como esses, assim como o movimento punk, geram enorme impacto na expressão artística e política de todos os indivíduos, bem como consolidam a estruturação social na cidade, e a interação entre as pessoas a partir de aspectos que podem se reorganizar ao longo do tempo. Essa busca por espaço continua sendo uma realidade que ainda sofre retaliações em todos os âmbitos da sociedade, como nota-se através do projeto de lei protocolado pela vereadora paulista Amanda Vetorazzo (União Brasil), que na explanação de sua idealizadora, visa coibir a utilização de dinheiro público para realização de eventos de artistas que façam apologia ao crime. O nome do projeto de lei, traz alusão ao rapper Oruam (Lei Anti-Oruam), e imprime em seu apelo para o público conservador a censura elitista e racista que carrega, incentivando a ideia de que qualquer relato de vivência em realidades que não sejam as adequadas para uma sociedade moralista, seja criminalizado, assim como tentou-se emplacar em direção ao punk em diversas situações ao longo do tempo. Jornadas semelhantes já aconteceram em Juiz de Fora, que mesmo tendo destaque em abrir espaço para celebrações e organizações culturais de grupos marginalizados, frequentemente precisa lidar com tentativas de segregação e invalidação por parte de braços de sua política conservadora, que ainda ressurgem e tentam se alastrar buscando a tomada do lugar duramente conquistado na luta por transformações significativas para quem mais precisa delas. Dessa forma, a música possui papel fundamental em qualquer movimento social que a utilize para desconstruir padrões e reformular estruturas de poder, ainda que essa seja uma batalha quase sempre desleal e que também impõe novas realidades ao longo do tempo, e o movimento punk foi um grande protagonista de uma dessas batalhas. Juiz de Fora surgiu no meio de uma transformação que ocorria ao seu redor, se resignificou dentro da nova realidade imposta, e ao longo do tempo, com fundamental influência da música, também foi novamente resignificada e adaptada a cenários sobre os quais as próprias pessoas também buscavam assimilar, e a fluidez identitária com a qual esses indivíduos na pós-modernidade convivem, é decisiva nesse processo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Yuri Amaral. **O PROCESSO URBANO DE JUIZ DE FORA – MG Aspectos econômicos e espaciais do Caminho Novo ao ocaso industrial**. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas - Departamento de Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.135. 2013.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**, 5ª Edição - São Paulo. Editora: Brasiliense, 2001.

CAIFA, Janice. **Movimento punk na cidade - A invasão dos bandos sub** – Rio de Janeiro. editora: Jorge Zahar Editor, 1985. Acesso em: [https://www2.ufjf.br/latur/wp-content/uploads/sites/635/2011/07/O-PROCESSO-URBANO-DE-JUIZ-DE-FORA-\\_MG.pdf](https://www2.ufjf.br/latur/wp-content/uploads/sites/635/2011/07/O-PROCESSO-URBANO-DE-JUIZ-DE-FORA-_MG.pdf)

FERREIRA, Davi. **Aos Berros - Movimento Punk em Juiz de Fora**. YouTube, 10 de Junho de 2011. 49min17s. Disponível em <<https://youtu.be/JR0b08ViF1c?si=w2krzMIWAaWQiQQU>>. Acesso em: 01 de março de 2025.

FERREIRA, Jorge. 2023. **Juiz De Fora E O Golpe Civil-Militar De 1964**. Locus: Revista De História 29 (1):126-51. - <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2023.v29.38593>

REIS, Suzana Azevedo. **FAÇA VOCÊ MESMO": O FANZINE COMO REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO PUNK EM JUIZ DE FORA**. Dissertação (Pós-graduação em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.192. 2018.

ROSSETTI; SANTORO JÚNIOR. **As Origens da Música Punk e o Surgimento de um Novo Estilo**. Revista Sonora - IA ISSN 1809-1652 Nº 9, V 5, 2014.